



Balanço Bruxólico

UFSC - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO - COMUNICAÇÃO SOCIAL - HABILITAÇÃO JORNALISMO  
MATERIA - TECNICAS DE PROJETO  
PROFESSORA AGLAIR  
ORIENTADORA - BEATRIZ  
ALUNA - MARIA CRISTINA JOSHIZATO ( 89/1 )

TEMA : " BALANÇO BRUXÓLICO "

OBJETIVO : PRODUÇÃO EM VIDEO DO CONTO " BALANÇO  
BRUXOLICO " , DE FRANKLIN CASCAES .

BIBLIOGRAFIA :

- O FANTASTICO NA ILHA DE SANTA CATARINA . Coletânea de contos de Franklin Cascaes .
- ARGUMENTO E ROTEIRO . Umberto Bárbaro .
- ROTEIRO . Doc Comparato .
- BRUXAS E BRUXARIA : UM ESTUDO SOBRE REPRESENTAÇÕES DE PODER FEMININO NA LAGOA DA CONCEIÇÃO . Prof. Sônia .
- SHIRLEY . Roteiro . Leopoldo Serran .
- CATARINA . Roteiro do professor Mauro Pomer .
- ROTEIRO DA PEÇA "VIVO NUMA ILHA" .
- FRANKLIN CASCAES VIDA E ARTE E A COLONIZAÇÃO AÇORIANA . Raimundo Caruso .
- INTRODUÇÃO A DRAMATURGIA . Renata Pallottini .
- A ARTE NO VIDEO . Arlindo Machado .

ELENCO :

MANUELI - NEY  
ZEFERINO - EM ABERTO  
JÃO - EM ABERTO  
TONHO - EM ABERTO  
MULHER DE MANUELI - GENICE  
MARCULINA - DONA DILMA  
CUMPADRES VIZINHOS - ALESSANDRO E CATARINA  
BRUXA DO CAVALO - SIMONE

DURAÇÃO : 15 MINUTOS .

CRONOGRAMA :

SETEMBRO - ENSAIAR ATORES E VIABILIZAR PRODUÇÃO ,  
HORARIOS E LOCAÇÕES .  
OUTUBRO - FILMAGEM .  
NOVEMBRO - EDIÇÃO E GRAVAÇÃO DE TRILHA SONORA .

DEZEMBRO - APRESENTAÇÃO .

RECURSOS :

GRAVAÇÃO EXTERNA

- FITAS : 15 FITAS DE 20 MIN. - U . MATIC
- ILUMINAÇÃO : 5 MIL WATTS
- CAMERA : SONY CCD 3000
- UM GRAVADOR PORTATIL : BVU 110
- MONITOR DE VIDEO
- MICROFONES : LAPELA DE MÃO UNIDIRECIONAL

EDIÇÃO

- ILHA DE EDIÇÃO VO 5850
- GERADOR DE EFEITOS ESPEIAIS SONY SEG 2550
- BVU 950 ( VIDEO TAPE COM TBC ACOPLADO )

## ARGUMENTO

" Era uma época ,do começo deste século , que predominava o misticismo e os homens se moviam conforme as regras da igreja , onipotente sobre as mentes de um rebanho foragido dos açores . Onde o mal e o controle dos comportamentos era circundado de bruxas e demônios . Onde o fim de todo aquele que salsse do caminho do bem , dos bons costumes , da moral e do ideal , era o inferno " .

O cumpadre Manuêi Preira , morador da Lagoa da Conceição , subiu um morro com seus filhos , Jão e Tonho , derrubou um pedaço da mata virgem , queimou-a , formando uma clareira , e preparou o terreno para plantar mandioca .

Na face da mata , pouparam a vida de uma grande figueira , com um grosso cipô enrolado em si , o qual , ao alcançar as ramagens , deixava cair um balanço natural . Ao pê da grande árvore , derrubaram uma outra árvore oca , conhecido como tanheiro , onde havia muitas pedras .

Debaixo das sombras das árvores , faziam comida em panelas de barro e as guardavam ali , junto das ferramentas que usavam na lavoura , feitas manualmente . De uns dias para frente , bem cedo , quando retornavam ao trabalho roceiro , observavam que as louças e ferramentas deixadas em lugar certo , apareciam dispersas . Sentiram também um cheiro de querosene que sala de dentro do vasado do tronco do tanheiro . Desconfiados de que aquela provocação era causada por bruxas , abandonaram a roça como respeito às forças espirituais que lhes dava muito medo .

Manuêli contou para seus vizinhos os acontecimentos da roça e disse que toda a manhã era a mesma coisa . Todos foram unânimes em afirmar que era trabalho de bruxas . Assim , numa noite de sexta -feira , no dia treze de agosto , presenciaram o quadro mais sinistro urdido por mulheres bruxas .

Viram vários focos luminosos na clareira do balanço bruxônico . As árvores mostravam suas raízes que lembravam patas de animais e seres rastejantes . No balanço de cipô da grande figueira , viram galhos tortuosos e barbas de boi , ao sabor do vento , que davam a impressão de que uma bruxa balançava no cipô . A luminosidade da lua cheia clareava os olhos fosforescentes das corujas , cobras e roedores , que se escondiam nas ramagens da figueira . OO barulho lancinante do vento uivante se misturava ao ruído dos animais irriquietos e ariscos . Tudo era tão têtico que até as pedras , de relance , lembravam formas tortuosas de rostos bruxônicos e almas penadas . A natureza se revoltava contra o homem , enquanto uma nêvoa branca invadia o cenário , numa atitude de devorà-los . Apavorados , saíram correndo , com os pêlos do corpo eriçados e os olhos

arregalados . No dia seguinte , toda a Lagoa da Conceição ficou sabendo do episódio , contado de forma exagerada . Famílias que possuíam crianças trataram de chamar benzedeiras para exorcizarem-nas . Colocaram rosários feitos com nove dentes de alho vestidos , enfiados em linhas vermelhas e penduradas no pescoço delas . Acenderam velas brancas da sexta-feira Santa nos quartos de dormir delas e rezaram o creio em Deus de trás para frente . Taparam todos os buracos das fechaduras das portas com cera virgem de abelha . Queimaram palha Benta do Domingo de Ramos dentro de casa . Fizeram cruz com cana do reino , também recolhidas na sexta-feira Santa , antes do sol ter nascido e as colocaram entre caibros e ripas do teto da casa . Colocaram alecrim e arruda atrás das portas e em vasos . Atrás de cada porta , com tinta preta , desenharam a cruz do Signo de Salomão .

Seu Manuéli Pereira tinha um cumpadre , o Zeferino , padrinho do seu filho mais velho , que morava na costa da Lagoa . Seu cumpadre era um homem valente que não tolerava os procedimentos satânicos das bruxas . Quando soube da notícia , ele montou seu cavalo alazão e foi na casa de Manuéli , se certificar do fato .

Quando chegou lá e teve resposta afirmativa , criticou Manuéli de estar facilitando para as bruxas . Este se defendeu e disse que não se mexe com as coisas do além e era preciso ter prudência pois o homem não tem poder de mudar a natureza que Deus criou . Zeferino pediu para ver o cenário bruxólico . Os dois subiram o morro acompanhados dos filhos de Manuéli e ao chegarem na margem da roça , Zeferino logo notou o balanço , tão convidativo para uma recreação . Ele disse para o Manuéli que era pecado deixar aquele balanço para as bruxas e sugeriu cortar o objeto de diversão delas . Ele fez um discurso religioso e disse que não tocava no balanço . Zeferino respeitava a opinião do cumpadre e acreditava nas palavras dele mas , precisava cortar aquele cipò .

Assim , tirou o facão da bainha e , com um corte certo , atingiu o centro do cipò que formava o balanço . Manuéli e seus filhos observavam atentos e medrosos . Após o corte fatídico e impensado , as feridas abertas nas extremidades do cipò , em vez de soltarem seiva , soltaram faíscas de fogo . Manuéli ficou assustadíssimo , rubro como o lacre , e , tremendo , disse que aquilo não era coisa da terra . Zeferino , indiferente , afirmou que o cipò era parente dos boitatãs e pediu licença para ir embora , pois deixou o cavalo amarrado na cerca , do lado de fora . Manuéli se despediu do cumpadre e ficou na roça com os filhos para plantar mandioca . O Zeferino colocou o facão na bainha e foi-se a caminho da casa do cumpadre , a fim de apanhar a montaria . Ao se aproximar de uma cerca que protegia as roças do seu cumpadre , ele precisou , para passar , retirar uma vara da porteira e , quando o fez , caiu desmaiado na terra , sem que houvesse alguém para socorrê-lo . E que quando ele colocou a mão na cerca , uma

bruxa metamorfoseada de aranha picou a mão dele com um veneno fatal .

Ao pôr do Sol , quando Manuêli e os filhos voltaram para casa , após um dia de estafante trabalho roceiro , feito com uma enxada torta e mal encavada , depararam com o Zeferino esticado no chão , com os pés , as mãos e o rosto crivados de manchas roxas . Por cima das pontas dos moirões da cerca havia corujas pousadas e , de vez em quando , a presença de grander pássaros voando em disparadas frenéticas , em rasgos de rasga mortalha , num desafio ao poder efêmero do homem .

Manuêli , ajudado pelos filhos , ajuntou o Zeferino e colocou-o dentro do carro de boi que estava guiando a roça , com um pouco de lenha , e assim desceu a ribanceira . Tiraram os chapêus das cabeças , colocaram-nos nas pontas dos fueiros do carro , persignaram-se e passaram a rezar baixinho a oração das 13 verdades até em casa , que era para afugentar as bruxas .

Depois de ccontarem o ocorrido aos vizinhos , resolveram chamar a mêmica do sitio , a benzedeira-curandeira , sinhã Marculina do Joronço . Ela tinha fama ilhoa e era conhecedora profunda dos negócios espirituais . Na hora em que foi chamada , ela estava lavando os lençóis de algodão , que estavam imundos . Quando recebeu o chamado , atirou as roupas na pedra do lavador , calçou os chinelos , colocou o xale negro na cabeça , foi ao quintal e recolheu galhos de arruda , de alecrim , de alfazema , colocou-os dentro de uma cesta de folhas de tábua que estava pendurada num caibro da casa , junto com as ferramentas milagreiras que ela usava , e foi-se a caminho .

Quando chegou na casa do Manuêli , ele tratou de introduzi-la no quarto onde o Zeferino se encontrava esticado numa esteira , desmaiado . Ela agachou-se , levou as mãos nas faces do Zeferino , apaupou-lhe os pés para sentir a temperatura , deu-lhes um pedilúvio com água , cachaça , sal e vinagre ; dobrou a barra da calça dele e deu umas batidas para tirar a poeira . Meio cansada , levantou-se e diagnosticou que era "empresamento por vingança bruxólica cipoadamente balanceira " . Recomendou , em seguida , aos familiares de Manuêli para abrirem todas as portas e janelas , se colocarem no centro da casa ou na rua , para ela exorcisá-lo . Ela disse que as bruxas eram espirituais , que a situação dele era grave e que não garantia a cura dele , mas que ia tentar .

Ela abriu a cesta , apanhou os ramos das ervas e as ferramentas cirurgicas e deu início à operação rezadeira (13 verdades) . A velha terminou a oração bocejando sem parar , mas nada de melhora do Zeferino , nem se mexia . Diante do caso tão sinistro , Marculina chamou Manuêli e pediu que fosse arranjar um punhado de folhas de pessegueiro , erva de bicho , um pouco de mostarda e sabão virgem derretido .

Manuêli chegou com os ingredientes na mão . Ela tomou as folhas e a mostarda , socou-as e misturou-as com

sabão virgem derretido , para obter um emplasto , e colocou-as nas solas dos pés de Zeferino . Nada obteve de resultado satisfatório pois o doente não reclamou se queimou ou se sequer calejou . Diante do fracasso , ela tentou novo assalto . Apanhou um monte do algodão , colocou fogo e queimou-o nas narinas do Zeferino , mas ele não reagia . Marculina , faladeira que era , ao ouvir o relinche do cavalo , contou que as bruxas costumam correr semi-nuas á cavalo , em noites sombrias de lua cheia . E o animal aparece surrado e trançado no dia seguinte .

Manuéli e família demonstravam medo diante da situação incontrolada . Nova tentativa . Marculina mandou colocar uma brasa viva dentro de um pouco de água , abriu a boca do doente e despejou uma colherada pela garganta , Porém , sem resultado .

A mulher do Manuéli apresentou-lhe água benta recolhida na Sexta-feira Santa , antes do sol ter nascido . Marculina pegou uma folha , molhou-a na água benta , e deu inicio a mais uma operação espiritual . Concentrou-se e orou (Pai Nosso João Cantero ) . Terminou a oração , mas Zeferino não reagia . Desanimada por haver esgotado todo o manancial de sua medicina curandeira , tratou de sentar um pouco sobre uma cama que estava no canto da sala , para descansar . Quando viu que a família estava encolhida no centro da sala , amedrontados com os ruídos bruxólicos de relinches , rasga-mortalhas e ventos uivantes , começou a contar uma história para distrai-los e animá-los .

Ela contou que lá para os lados do Ribeirão da Ilha morava Selvero , um homem que trabalhava na terra e tinha um terreninho e um barco . Seus dois filhos ficaram tão doentes e eles caíram numa desgraça tamanha que ele ia ter que vender todas as suas propriedades . Selvero chamou a benzedeira Sinhã Maria Gamboa , que fez seus rituais e curou as crianças . Selvero ficou tão feliz que resolveu tarrafear alguns peixes para a Sinhã . Quando ele foi pegar a tarrafa , descobriu quatro bruxas dançando dançando sob seu instrumento de pesca . Ele chamou a benzedeira e ela lembrou que tinha que queimar palha de alho no quarto das crianças . Quando reparou o erro , as bruxas perderam o encanto .

Nesse meio tempo , a noite caiu profunda . Todos já estavam dormindo e , de repente , no meio da madrugada , o Zeferino acordou do seu sonho bruxólico e começou a dar gritos lancinantes . Todos o acudiram , tentando segurá-lo , enquanto ele gritava em altos brados que estava no balanço , lá no morro . Eles atenderam curiosos as palavras dele , e correram para espiar a árvore do balanço bruxólico e , de fato , viram surgir um fogarêu que queimava tudo que lá se encontrava . Zeferino enfrentou os poderes espirituais e provou o néctar da morte .



## ROTEIRO

CENA 1- INTRODUÇÃO : APENAS OS ESCRITOS COM O FUNDO PRETO.

"Era uma época , do começo deste século , que predominava o misticismo e os homens se moviam conforme as regras da igreja , onipotente sobre as mentes de um rebanho foragido das Ilhas dos Açores . Onde o mal e o controle dos comportamentos era circundado de bruxas e demônios . Onde o fim de todo aquele que saísse do caminho do bem , dos bons costumes , da moral e do ideal , era o inferno " .

CENA 2- EXTERIOR.MORRO DA LAGOA DA CONCEIÇÃO.DIA.

PG- Manuêli e seus filhos subindo o morro por uma trilha , cortando o mato com um facão e carregando duas enxadas . Seus filhos levam panelas e mantimentos num saco . O carro de boi fica embaixo , esperando eles desbravarem o mato .

CENA 3- EXTERIOR.ROÇA.DIA.

Eles chegam num lugar mais plano , derrubam e queimam a mata, formando uma clareira . Eles poupam a vida de uma grande figueira , circundada de um cipó que forma um balanço. E derrubam , ao lado , um tanheiro oco , dentro do qual , guardam os mantimentos e as ferramentas . Há muitas pedras no local , amontoadas .Debaixo das sombras da árvore, fazem a comida em panelas de barro e as guardam junto das ferramentas , tudo bem organizado . Eles preparam o terreno para plantar mandioca .

CENA 4- EXTERIOR.ROÇA.DIA SEGUINTE.

O dia está clareando , o galo canta , gotas da relva noturna escorrem das folhas . Eles chegam na lavoura e vêem as ferramentas e panelas espalhadas , e a terra pisoteada por animais . Sentem cheiro de querosene .

MANUELI

Magi o que aconteceu aqui , Virgem Maria ! (OLHA DESCONFIADO PARA OS LADOS ) E que cheiro de querosene !

TONHO (filho mais velho )

Vem lá do vasado do Tanheiro ! Credo in Cruz !

Eles saem correndo da roça , apavorados , segurando o chapêu na cabeça .

CENA 5- EXTERIOR.CARRO DE BOI.DIA.

Eles estão ofegantes , perto do carro de boi .

MANUELI

Eu tô discunfiado duma cosa ...Vamu simbora quesse lugã mi dá arripio ! Vamu Tonho , vamu Jãõ !

Eles sobem no carro de boi e saem em disparada .

CENA 6- EXTERIOR.CASA DE MANUELI.DIA .

Manuêli , seus filhos , mulher e um casal de vizinhos cumpadres discutindo .

MANUELI

Eu acho quessa provocação num é feita por home de argila crua , não . Toda a manhã é a mesma cosa . O que a gente coloca em lugã certo , amanhece espaiado . O que vancês acham cumpadres ?

VIZINHO CUMPADRE

Deus me livre Manuêli , mas ...eu acho que aquilo é trabalho de deboche de vèias bruxeiras que vivem poisadas por riba de vèias figueiras .

MULHER DE MANUELI

Se forem bruxas mesmo , aminhã é o meião dia pra se tê certeza (TODOS OLHAM PARA ELA , ASSUSTADOS )

Sexta-feira , dia treze de agosto ( AR DE MISTERIO).

CENA 7- EXTERIOR.ROÇA.NOITE.

Manuêli , seu cumpadre vizinho e Tonho . Eles chegam na roça , no meio da noite , e se escondem atrás das ramagens , olhando atentos e cautelosos para a figueira . O vento começa a aumentar e eles se encolhem apavorados . Olham novamente para a figueira e vêem vários focos luminosos na clareira do balanço bruxólico . As raízes das árvores lembram cobras e patas de animais . Atrás do balanço , os galhos tortuosos e as barbas de velho se mexendo com o vento , lembram bruxas metamorfoseadas . A luminosidade azul da lua cheia clareia os olhos fosforescentes dos roedores , cobras e uma coruja que pouso sobre a árvore . O vento uivante se mistura ao ruído dos animais que se escondem nas ramagens da figueira . As pedras , com formas tortuosas , parecem rostos de almas penadas . O barulho se torna lancinante , quando uma gralha começa a cantar , lembrando gargalhada de bruxas . Eles se assustam com o cenário e saem correndo com olhos arregalados e corpo arrepiado .

CENA 8- EXTERIOR.VARIOS LOCAIS DA ILHA. NOITE .

A câmara passeia pela Ilha - travelling- em frente de casas antigas e cabanas de pau a pique , localizando as praias (Lagoã da Conceição , Ponta do Sambaqui , Ratonas , etc.).

As lamparinas estão acesas . Simultaneamente , o som de várias vozes contando o episódio de forma exagerada (em off)

VOZ DE MULHER-1

Viram várias lamparinas transformadas em seres humanos , dançando surungamente .

VOZ DE MULHER-2

As raiz das árvore eram patas de animais .

VOZ DE PESCADOR (misteriosamente)

Uma bruxa se balançava no cipò e dava gargalhadas ...

VOZ DE MULHER-1

E as pedras tortuosas tinham caras de almas penadas .

CENA 9- INTERIOR.CASA NÃO IDENTIFICADA.NOITE.

PD- Rosário feito com nove dentes de alho vestidos , enfiados em linha vermelha , sendo colocado no pescoço de uma criança , que está no colo da mãe . Velas brancas sendo acesas no quarto . Buracos de fechaduras sendo tampados por cera de abelha . Folhas sêcas sendo queimadas e , depois, colocadas nas ripas e caibros do teto . Alecrim e arruda sendo colocados atrás das portas e em vasos . Atrás de portas desenha-se , com tinta preta , a cruz do Signo de Salomão .

As imagens vão se fundindo nos finais , enquanto uma voz de mulher , em off , reza o creio em Deus de trás para frente.

VOZ EM OFF DE MULHER

Amêm ! eterna vida na, Carne da Ressurreição na, pecados dos remissão na , Santos dos comunhão na , Católica Igreja Santa na , Santo Espirito no creio mortos os e vivos os julgar a vir de hà donde Poderoso-todo Pai Deus de direita à sentado está cêus aos subiu dia terceiro ao ressuscitou mostos dos mansão à desceu sepultado e morto , crucificado foi Pilatos Pôncio sob padeceu Maria Virgem da nasceu Santo Espirito do Poder pelo concebido foi que Senhor nosso Filho único seu , Cristo Jesus em e terra da e cêu do Criador Poderoso Todo Pai Deus em Ceio .

CENA 10- INTERIOR . ARMAZEM . DIA .

Zeferino , no armazem , discutindo com o balconista que o ouve assustado .

ZEFERINO (nervoso e valente )

Me dà mais uma cachaça que eu tô indo là prà Lagoa da Conceição , prà mode tê certeza dessa história com o meu cumpadre Manuêli .

CENA 11- EXTERIOR . ESTRADA C. DA LAGOA . DIA .

Zeferino correndo com seu cavalo alazão (PG) segurando o chapéu na cabeça .

CENA 12- EXTERIOR .CASA DE MANUELI . DIA .

Zeferino chega na casa de Manuêli , desce do cavalo e seu afilhado , que está no portão , sai em direção ao padrinho .

TONHO

Padrinho Zeferino ! A bênção padrinho ! (beija a mão do Zeferino )

ZEFERINO

Deus de abençoe Tonho .

Nesse momento , sai Manuêli .

MANUELI

Cumpadre Zeferino ! Vamu entrà !

CENA 13- INTERIOR . CASA . DIA .

Os cumpadres estão sentados nas cadeiras , tomando café em canecas de barro , frente à mesa .

ZEFERINO

Uê ! E o que é que tu fazeste , mô cumpadre Manuêli ? Capaz intê , home de Deus , que tu ainda botaste trato nos miolo da cabeça prá mode favorecê a vida mundana desta caterva de muhiê mula sem cabeça que não tem um poco de vregonha na cara e vêve em riba desta bola de barro sô prá mode consumi a vida dos sôs simihiantes .

MANUELI

Bão , cumpadre Zeferino , isso tudo que vancê acabô de dizê da boca prá fora , não è tão ansim não . Mô difunto pai , que Deus teja ele là , que eu não tô chamando ele aqui , sempre dizia pra nôis que cardo de galinha magra e costela não faz mâli a nenhum cristão que sofre do estamo. E ainda mais , tudo foi Deus que fêgi , o homi , sinhôri , não faz nada , nem um grãozinho de areia (TOMA UM GOLE DE CAFE )

Fêgi o home de barro vremenho , preto e amarelo. Agua doce e sargada . Fêgi o sôli quente e a lua fria . Fêgi o mâri das trumentas na lua e o mâri de oceano na Terra. Fêgi o caminho das Indias nas barbas do oceano . Fêgi a lua ridonda e as estrelas pontuda. Todos os dias , na hora que o sôli nasce , a lua acôde o parto da Terra ; e quando ele morre , as estrela vêlo ele .

ZEFERINO ( decidido )

Cumpadre Manuêli , eu vim intê aqui na vossa casa prâ mode vancês me levare lâ em riba do roçado . Eu tenho munta vuntade de vê de perto o tâli balanço daquelas canâhias desavregonhadas mula sem cabeça que sâo enganadeiras dos marido com os prôprios cumpadres . Ohia , cumpadre Manuêli , não è a toa que no cêu da boca delas nasce um dente canino .

#### MANUELI

Tâ bom , vamu lâ . Mas espera que eu vô pegâ o meu breve milagroso , que eu herdei de meus antepassados açorianos , prâ mode se protejê das bruxa .

CENA 14- EXTERIOR . MORRO DO ROÇADO . DIA .

PG- Eles se encaminham com os garotos , passando por uma cerca e subindo o morro , para o cenário bruxôlico .

CENA 15- EXTERIOR . ROÇA . DIA .

Eles chegam na margem da roça e Zeferino logo nota o balanço. Ele olha com ódio para o balanço .

#### ZEFERINO

Cumpadre Manuêli , vancê me adesculpe , mas que o sinhôri tâ pecando contra si mesmo , lâ isso tâ .Antão , home de Deus , prô mode que já não passaste o fação naquele marvado cipô que se sujeita prâ uma espêcie de gente tão infanda quinêm essa sôcia de muhiê bruxa canâhia que vêve obedecendo as orde do Satanàs .

#### MANUELI

Ohia , cumpadre Zeferino , eu sô um home que aprindi a arrespeitâ as cosa lâ de riba do arto e tombêm as câ de baxo . Eu sô produto câ da terra , enquanto tô vivo , meço com tudo e vejo tudo . Quando mô corpo murrê , al sim , não pertenco mâgi a essa terra e tenho que i simbora môde apresentâ conta certa do que figi câ embaxo .Os antigo contavo que uns minutos antes do home murrê , ele arrecebe a visita dum anjo que apresenteia ele com um par de asa e uma camisola branca , que è prâ môde quando o corpo dele assubi pra riba do cêu , não se apresentâ em pêlo na presença dos portero celestiâli nem dos enfermero purgatorianos . Daí o sinhôri tira uma amostra de que a cosa não è tão simples como nôis matutemo . Na hora que figi derrubada da mata , não dexê de notâ que o seio daquele cipô tomou aquela forma de balanço por mão de vivente da terra . Magi o que è que eu podia fazê ? Mecê com cosa que não sâo da terra não è porcive não ! Eu arrespeitê , intê o dia de hoje que nôis temo vivendo este balanço e , nele eu não toco !

#### ZEFERINO

Cumpadre Manuêli , a sua cunversa tâ munto certa , eu acardito munto no que o sinhôri diz da boca prâ fora ,

como também arrespeito . Agora vô pidi licença prã vossa mecê . O sinhôri dexa eu passã o mô facção naquele mardito balanço ?

Manuêli apenas levanta os ombros , como não se responsabilizando , abraça os filhos e segura o breve milagroso com fê . Os meninos estão assustados . Zeferino vai atê o balanço e , num corte certo , parte o cipò que começa a soltar faíscas de fogo . Ele pula para trás , assustado .

MANUELI (trémulo)

Tã vendo sò , cumpadre Zeferino , isso não è cosa da Terra ! ... Cipò sorta fogo quinêm esse que queima as roçadas da nossa coivara , não è memo ? Nòis temo vendo que não è cosa da terra .

ZEFERINO (mais calmo)

Quãli nada , sinhôri , esse cipò deve sê è parente dos boitatã das mata deste brejão da Lagoa da Conceição daqui da Ilha do Desterro .

MANUELI ( interrogativo )

Antão o sinhôri acha que boitatã è cosa dessa terra que nõis vivemu?

ZEFERINO

Cumpadre , o serviço tã feito , eu vô pidi licença a vossa mecê prã môde descê , proquê dexê o mô cavalo amarrado na cerca na frente da vossa casa , pra banda de fora da rua .

MANUELI

Tã munto bão , licença o sinhôri tem , mas eu e os mô rapaze vamu covã terra môde prantã rama de mandioca , que jã temo ela cortada desde tres-antonte .

ZEFERINO

Bão , intê logo , cumpadre Manuêli , intê logo Jão e Tonho .

OS TRES

Intê logo , Zeferino .

Zeferino coloca o fação na bainha e sai da roça .

CENA 16- EXTERIOR . ESTRADA . DIA .

Zeferino caminha numa estrada solitária e se aproxima de uma cerca . Para atravessã-la , ele levanta uma tramela que segura o portão fechado . Quando ele toca na cerca , uma aranha gigante pica a mão dele . Ele fica zozzo , coloca a mão na cabeça , seus olhos viram em círculos e ele desmaia . O portão se abre e Zeferino fica ali caído no chão , sem que haja alguém para socorrê-lo .

CENA 17- EXTERIOR . ESTRADA . TARDEZINHA .

O sol jã està se pondo . O céu està avermelhado e ao longe , na estrada , aparece Manuêli e seus filhos sobre o carro de boi em trote lento . Eles chegam perto da cerca e vêm Zeferino desmaiado com algumas folhas sêcas e muita poeira sobre o corpo . Seu rosto , pés e mãos estão cheios de manchas roxas . Sobre os mourões das cercas hã corujas pousadas e ouve-se o barulho de pássaros voando velozmente . Manuêli e seus filhos olham assustados para cima , para os lados e para baixo com as bocas abertas . Olham uns para os outros e , sem pronunciar uma palavra , correm pegar Zeferino . Colocam-no sobre o carro de boi , tiram os chapêus , põem nas pontas dos fueiros do carro e saem em disparada . Eles olham para o céu e começam a orar a oração das treze verdades , todos juntos . Manuêli guia o carro enquanto os garotos seguram Zeferino .

CENA 18- EXTERIOR . CASA DE MANUELI . TARDEZINHA .

Na frente da cerca da casa de Manuêli , eles se reúnem com os cumpadres vizinhos . Todos estão intrigados e apavorados. O cavalo de Zeferino ainda está amarrado na cerca .

MANUELI

E agora , que que vamu fazê com o Zeferino ?

CUMPADRE VIZINHO

Nois num pode fazê nada mas a benzedeira sinhã Marculina do Jorongo pode .

MULHER DO MANUELI

E o Zeferino foi atacado por bruxas e , só uma benzedeira de fama ilhoa e conhecedora afundada e aprofundada nos negôci invisivi là de riba do arto è que pôde curá ele .

CENA 19-EXTERIOR.BEIRA DO RIO . TARDEZINHA .

Manuêli chega até Marculina , montado no cavalo do Zeferino . Marculina está lavando lençóis de algodão que estão imundos , sobre umas pedras , na beira do rio , com um sabão caseiro em forma de bola . Ele chega por trás . Ela o recebe e levanta , enxugando as mãos no vestido .

MARCULINA

O sinhôri Manuêli , que fazes aqui ?

MANUELI

Sinhã Marculina ! ( ELE DESCE DO CAVALO , AMBOS OFEGANTES ) Meu cumpadre Zeferino foi atacado por uma caterva de bruxa ! Só a sinhã pode salvá ele !

MARCULINA

Virgem Santissima ! Pode dexá que eu vô pegá minhas esva e minhas arma espirituáli prá salvá o só cumpadre !

Marculina larga os lençóis sobre a pedra e se dirige á casa dela para apanhar os instrumentos (ela está descalça ) .

CENA 20- EXTERIOR.CASA DE MARCULINA. TARDEZINHA .

Marculina entra na casa e sai amarrando um xale negro na cabeça , já com os chinelos no pé . Pega uma cesta que está pendurada num caibro da varanda da casa , vai ao quintal , apanha galhos de alecrim , arruda e alfazema . O cumpadre a observa , segurando o cavalo pelas rêdias . Ela se dirige ao cumpadre .

MARCULINA

Vamu logo que a noite vai cal .

CENA 21- INTERIOR .CASA DE MANUELI . TARDEZINHA .



Manuêli chega com Maculina , montados sobre o cavalo (ela sentada de lado , na frente , e ele atrás ) . Vê-se eles de dentro da casa . Eles descem do cavalo e entram na casa , apressados . A casa já está bem iluminada .

CENA 22- INTERIOR . CASA . NOITE .

Marculina entra no quarto onde se encontram a mulher e filhos de Manuêli , olhando para Zeferino que está deitado numa esteira . A lamparina está acesa . Ela agacha-se , mede a temperatura dele , com as mãos , no rosto e nos pés . Ela prepara uma solução , na tijela de barro , com água , cachaça , sal e vinagre , e dà-lhe um pedilúvio . Ergue a barra da calça dele , dà uns tapas para tirar a poeira e senta-se sobre as pernas , olhando , meio cansada , para a família.

MARCULINA

E empresamento por vingança bruxônica  
cipoadamente balanceira . (A FAMILIA SE ASSUSTA COM O  
DIAGNOSTICO )

Eu num garantu a cura dele magi vô tentá .

E miô vancês abri tudo as porta e janelas e  
adispos se coloquem no centro da casa ou vão tudo pra rua.

Eles correm abrir as portas e janelas e logo se encolhem no centro da sala , todos juntos e abraçados . Marculina tira os ramos das ervas misteriosamente da cesta (alecrim e arruda) e reza a Oração das treze verdades , fazendo o sinal da cruz com os ramos , sobre o doente .

MARCULINA

Treze raio tem o sôli . Treze raio tem a lua .  
Sarta diabo pro inferno . Questa alma não é tua . Tosca marosca . Rabo de Rosca . Vassoura na tua mão . Relho na tua bunda . E aguilhão nos teus pés . Por riba do sirvado . E por debaixo do telhado ! São Pedro , São Paulo e São Fontista . Por riba da casa São João Batista . Bruxa tatara bruxa . Tu não me entre nesta casa . Nem nesta comarca toda . Por todos os Santos dos Santos . Amê !

Marculina boceja umas 3 vezes depois de rezar e seus olhos lacrimejam . Olha para Zeferino e ele nem se mexe , fica intrigada e chama Manuêli .

MARCULINA

Manuêli , Me trais um punhado de fôia de  
pesseguero , erva de bicho , um punhado de mostarda e sabão virgem pra derretê .

Ouve-se um pássaro voando sobre a casa e todos percebem . Manuêli responde com a cabeça e sai porta afora , preocupado . (TEMPO)

A noite está escura . Manuêli entra com as folhas e Marculina já tem uma tigela de barro onde mistura os ingredientes . Ela coloca as folhas com a mostarda , soca-as e mistura com o sabão virgem , formando um emplasto (PD) . Coloca-o na sola dos pés do Zeferino e ele não reage . Ela tira da cesta um pauzinho , enrola algodão na ponta e vai até a lamparina para pôr fogo . PD- A chama é pequena e ela aproxima o fogo das narinas do Zeferino sem encostar . Sua respiração afasta o fogo mas ele não se mexe . A atenção de todos se desvia para fora quando o cavalo de Zeferino começa a relinchar feito louco e corre em disparada. Eles apenas ouvem assustados e com os olhos arregalados . Marculina senta no chão e , cansada , olha para a família .

MARCULINA

E , de certo vancês vão achã esse pobre cavalo , aminhã , todo sujo e com treis trança de treis fio na crina dele .

Jão arregala os olhos bruscamente virando o rosto para Marculina - a câmara fecha nos olhos dele .

CENA 23- EXTERIOR . MATO . NOITE .

Uma mulher magra e semi nua (usa uma colã cor da pele ) , coberta de vëus esvoaçantes no rosto e no corpo , não podendo ser identificada , correndo a cavalo pela noite mal assombrada de lua cheia .

MARCULINA

(EM OFF) Elas usa o cavalo a noite toda intê antes do galo cantã , e leva eles pela mata e pelas estrela.

CENA 24- INTERIOR . CASA . NOITE .

A câmara abre na cara apavorada de Jão e depois , da família que já está sentada no chão , sobre o tapete .

MARCULINA

Me trais brasa viva dentro de um poco d'água .

Manuêli vai até a cozinha e volta com a poção . Marculina coloca uma colherada na garganta do doente mas ele nem engole .

MULHER DE MANUELI

Usa essa água benta , recohida na sexta feira Santa antes do sôli tê parido .

Marculina pega a água , mergulha uma folha e espirra água no doente . Concentra-se para orar ( ouve-se o barulho de relinches , vento uivante e roedores no teto ) .

MARCULINA

Pai nosso João Cantero . Bem me disse São Mateu . Que eu andasse onde quizesse . Que medo eu não tivesse . Nem da sombra , nem da lomba . Nem daquela mais pesada . Que tem as palmas das mãos furada e as unhas entravada . Amém .

Zeferino não reage e Marculina , cansada , senta sobre uma cama ao lado .

MARCULINA

Eu já figi tudo que podia fazê . Ele só pode tá empresado por uma legião de véias bruxeias , Pruquê as benzedieras Têm poder quinêm as bruxas , magi só qui pru bem . E eu num tô conseguindo arresolvê esse caso .

Mâgi eu sei de uma histôria real e verdadeira em que as bruxas se dero mal .

A familia está encolhida e envolta em cobertores .

O sinhôri Selvero , pescadô de lâ do Ribeirão da Ilha , tava numa desgraça que dava dô . Seus fihios tava embruxado , quasi murrendo e ele tinha que vendê tudo suas propredades e o barco . Ele chamô a benzedera Maria Gamboa e ela fêgi os rituáli prà mode curâ as criança . O Selvero fico tão feliz de vê cas criança tava boa que arresolveu tarrafeã uns pexe pra benzedera . Quando ele foi pegâ a tarrafa ele viu uma cosa horripilante , de arrepiã os pêlo do corpo .

PG da familia para PD dos rostos assustados . Close em Jão e fecha até embaçar .

CENA 25- EXTERIOR . TARRAFA . NOITE .

Uma tarrafa pendurada num caibro de um engenho , toda aberta , onde se vê 8 pernas dançando desorganizadas . Pês descalços , corpo nu , não se identifica os rostos . O barulho è de gargalhadas .

CENA 26- INTERIOR . CASA . NOITE .

Abre no rosto da Marculina que fala com ênfase .

MARCULINA

Mas num è que a benzedera esqueceu de queimã palha de alho no quarto das criança ? E , mâgi logo que ela corrigiu os erro , as bruxas perdêro o encanto e nunca mâgi perturbaro ninguêm .

Agora , eu num sei o que vai sê do Zeferino !

Ela olha para o doente quase morto e cercado de ervas e panelas de barro . A câmera fecha nas manchas roxas dos pês dele , cheio de emplasto . Escurece e reabre em travelling

pela casa . Todos estão dormindo e ainda é noite . A família no centro da casa e Marculina na cama do quarto . De repente , Zeferino levanta aos berros , empurrando tudo e pulando como se tivesse queimando e apontando para fora .

#### ZEFERINO

Tô no balanço ! Tô no balanço ! Tô no balanço lá em riba do morro !

Todos acordam assustados e tentam segurá-lo mas ele é mais forte e grita feito louco . Eles desistem e resolvem ir lá fora olhar o morro . Eles saem da casa olhando apavorados para Zeferino , que tem os olhos arregalados .

CENA 27- EXTERIOR . CASA . NOITE .

Todos apontam para o morro e gritam juntos .

TODOS

Olha lá ! Olha lá ! A figueira tá pegando fogo ! E a roça também !

CENA 28 - EXTERIOR . ROÇA . NOITE .

A roça pega fogo e , labaredas sobem pelos cipós da figueira . Os restos do balanço também queimam . Ouve-se galhas e um grito estridente , último grito de Zefferino .

CENA 29- INTERIOR . CASA . NOITE .

Zeferino caído no chão , morto e com olhos arregalados . Sua roupa está rasgada e exala fumaça como se tivesse pegado fogo . Fecha no rosto dele . Escurece .

CENA 30- Tudo escuro e apenas o escrito , com gargalhadas e a trilha sonora tema .

" O Zeferino não havia pago o aluguel da obediência para com a Terra e , por isso , ela mandou a Libitina servir-lhe a taça do despejo com o néctar da morte . É bem possível que o Zeferino tenha viajado no Baratro , na barca de Caronte , pela lagoa Estige , comandado pela Abeona , na direção do rio Leteu , lá nos confins infernais dos poderes quase ilimitados do gostosão ex-anjo Lúcifer .

CASCAES - 1950 .